

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE JANEIRO DE 1906

N.º 168

Anno I

1 de Fevereiro de 1899

N.º 1



Fac-simile da capa do primeiro numero do "Brasil-Portugal"

# O "Brasil-Portugal"

Vae entrar no 8.º anno da sua vida. E assim como no mundo animal ha especies de duração tão curta que os seus typos aos oito annos de existencia podem ser considerados macrobios, digam-nos os que teem acompanhado este mundo das Revistas portuguezas, que se assimelham ás rosas de Malherbe em terem a vida ephemera que ellas teem, se os sete annos decorridos do *Brasil Portugal* não representam uma longevidade além de toda a previsão, accumulando tanta perseverança e resistencia que constituem o desvanecimento e o orgulho de quem o fundou.

Quem nos tenha acompanhado anno a anno, numero a numero, haverá reconhecido que não passa de uma lenda o crer-se que em materia de jornalismo e de arte não ha programmas que se cumpram e compromissos que se satisficam.

D'aquelles com que nos apresentámos em 1899, a nenhum faltámos; não nos accusa a consciencia de termos fallado em qualquer dos campos por onde passa e corre a accção complexa de uma publicação d'este genero.

N'esses sete volumes encerrados com o numero actual ahí está patente, illustrada pela copia flagrante da photographia ou pelo lapis engenhoso dos desenhistas, narrada pela penna dos escriptores, ora realçada pela phantasia, ora desvendada pela critica, toda a vida portugueza d'estes sete annos no que ella teve de mais evidente, de mais dramatico, de mais impressivo.

Cerca de 6:000 gravuras, em que paisagens, monumentos, acontecimentos, individualidades, se reflectem, esmaltam estes milhares de paginas, completadas com a prosa e o verso de escriptores laureados.

E não só a vida portugueza, mas a vida do Brasil, e os grandes factos de ordem internacional, d'aquelles que interessam todos os espiritos, tiveram cabida tambem, ora sob o relevo artistico, ora sob a fórma litteraria, nos cento e sessenta oito exemplares até hoje publicados do *Brasil-Portugal*.

Um anno mais se abre para nossa Illustração. E' o futuro que começa, e se é o passado que trazemos á tela com o orgulho natural e humano de quem percorreu a estrada limpa sem um receio ou um desvio, é porque só vimos offerecer esse passado para garantia d'este futuro. Descabidos seriam novos programmas n'esta altura da existencia do *Brasil-Portugal*. Aquelle com que a iniciamos não só o cumprimos, mas em mais de um ponto o exce-

demos Não é de presumir que com o impulso adquirido, conjugados os elementos de aperfeçoamento, robustecida a vontade pelo favor do publico dos dois paizes, sempre crescente e captivante, possamos agora retrogradar. Roque Gameiro traçou ha sete annos a capa symbolica e artistica com que appareceram os primeiros numeros da Revista. A prodiga phantasia do illustrador resumiu n'esse trabalho o pensamento de quem creou e até hoje tem mantido a publicação. O nosso querido Portugal, e o Brasil, o seu irmão mais chegado, lá vivem, lá vibram, n'essa pagina inspirada. Ella só é um programma. E é esse programma unico que hoje reproduzimos. Orientou nos no passado. Ha de encaminhar-nos no futuro.

Os directores.

## Um burro a proposito

Meu amigo.

Vou dar-te uma novidade. Não te rias, mas estive quasi perdidamente apaixonado. A condessa, — sabes? aquella loira alta que apparece tanto pelos bailes diplomaticos, teve a habilidade de me prender imbecilmente aos enantos da sua boca fresca e rosada, do seu talhe elegante e bem torneado, dos seus olhos meigos e simples.

Foi ha oito dias, no domingo passado, quando ella regressava da praia á hora do almoço. Não te admires de já estar levantado a essas horas, porque isto aqui não é Lisboa, em que uma pessoa se espreguiça até á tarde, em cima da sua cama de bohemio. Logo pela manhã, o movimento do hotel não nos deixa conciliar com o segundo somno. Depois, as gargalhadas christalinas de uma meia duzia de banhistas estouvados, ferem nos de tal maneira, que não ha narcotico possivel para esses despertadores... com corda até á meia noite.

Eu não tomo banhos, mas diverte-me o reboliço da praia. E já ha tempo esse reboliço começava a preocupar-me demasiado, talvez. Era o demonico da condessa. Ah! meu amigo, tu não podes fazer uma pequena idéa de como ella é gentil, com a sua longa blusa azul tufando ao arquejar de um collo estonteador e com as suas pequeninas calcitas que escondem uma perna digna de figurar n'um museu de esculptura... Agora reparo que essa minha descripção vae sendo um pouco indiscreta, mas que queres? Força de imaginação... palavra de honra que é só isso, porque, afinal de contas, eu não posso bem afirmar que a perna d'ella seja escultural. Como sabes, nunca entendi de plastica...

Mas como te ia dizendo, no domingo voltavamos da praia. O conde tinha ido a Lisboa e para que ella não regressasse só ao hotel, offereci-lhe a minha companhia e o meu braço. Ella com um sorriso amavel, aceitou logo ambas as coisas.

Não fui muito exigente, não é verdade?

E puzemo-nos a caminho. Ao chegarmos ás primeiras arvores que circundam o largo que vae ter á praia, eu não tinha encontrado ainda uma phrase sequer para romper a conversação, ou antes tinha encontrado muitas, mas achara-as banaes, estupidas... Debalde revolvi toda a bibliotheca da minha memoria, mas nada, absolutamente nada... Então ergui a medo os olhos para a minha gentil companheira, dispondo-me a affrontar d'essa fórma o sorriso de escarneo que devia soltar dos seus labios, quando, em vez d'elle, encontrei um olhar meigo, bom, suave, um olhar que tinha a um tempo qualquer coisa de sensual e de materno.

Nota que foi a ternura maternal que transparecia d'elle o que mais me tocou... Não vás julgar, — tu, um sceptico, — que a sensualidade acordaria no meu espirito, desejos em que nem sequer pensava... Juro-te... Não pensava...

A manhã estava esplendida. O sol pouco quente, a atmosphera ligeira, um fino sopro do nordeste ondulando suavemente a folhagem dos troncos. O largo deserto. Apenas ao longe passava um trabalhador com um burro carregado de herva.

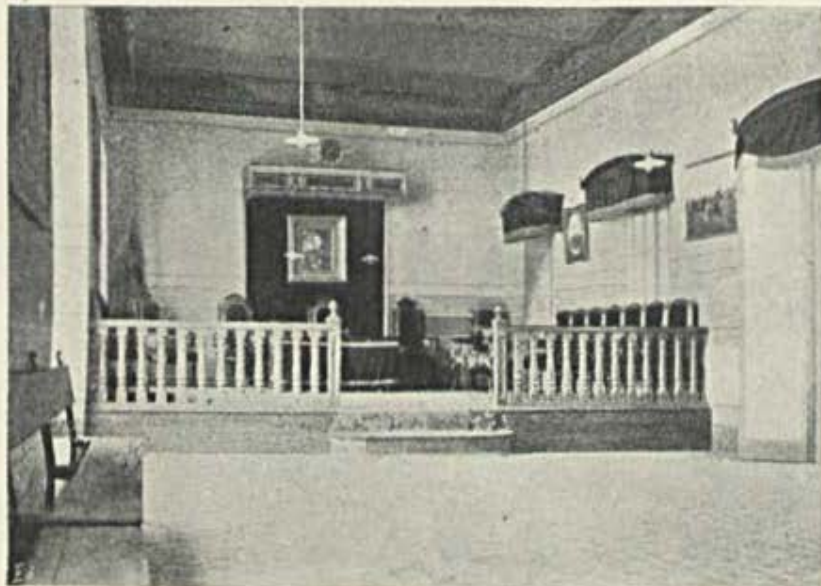
Cruzámo nos com elle, saudámo-lo — não ao burro, ao homem, é claro — como é de uso no campo, e continuámos caminhando sempre... D'ahi a minutos.

— E se nos sentássemos um pouco á sombra de uma d'estas bellas arvores? disse ella.

— Com mil vontades, minha senhora, murmurei eu, tre-mulo, sem desprezar os meus olhos dos seus.

— Mas não, continuou a condessinha. Tem talvez pressa e, francamente, não tenho direito a exigir-lhe sacrificios d'esses.

Aposto que estás ansioso por conhecer a minha resposta... Não t'a digo porque me não lembra, sei apenas que de repente encontrei-me ajoelhado a seus pés, como qualquer apaixonado ro-



A conferencia internacional de Algeciras. — A sala das sessões da municipalidade onde se reúne a conferencia

mantico, as mãos enlaçadas com as d'ella, finamente enluvasdas em pelle de Suecia, é . . . que estaria ainda hoje n'esta commoda posição se ella me não acordasse d'este sonho ideal, com uma phrase medonha, unica . . .

— Levante-se . . . que ahí vem outro burro . . .

Deves fazer ideia da gargalhada que eu soltei com o engano da condessa. . . Ella, percebendo o duplo sentido a que se prestava a sua ingenua exclamação, ficou muito atrapalhada, as suas faces avermelharam-se de um torn febril; e desatou a fugir pela azinhaga fóra que vae desembocar á rua do Hotel. Corro atraz d'ella e consigo agarral-a ainda a meio do caminho. Bertha volta-se de repente e sem querermos, os nossos labios roçam a medo, e a sua cabeceira loira, doirada pelos raios do sol, vem encostar-se ao meu hombro, n'um abandono languido, capaz de aquecer um cadaver. Então, meu Paulo, esqueci tudo: o meu silencio idiota até ali, o outro burro que ella vira so longe, o conde que estava em Lisboa, tudo e todos para só me lembrar d'aquella carne perfumada que eu beijava como doído, d'aquelle corpo franzino e elegante que vocês todos ahí cubicam no torneio das valsas e que agora me pertencia — surriada, ! — só a mim . . .

Só a mim, meu caro, era esta a phrase deliciosa que eu repetia a miudo, dia e noite, durante uma semana, como que avivando n'ella todas as doces recordações d'esse encontro inesperado, esplendido. . . Mas pouco durou a minha felicidade. . . Sou um desgraçado e ella . . . ella é uma perdida.

Uma manhã dirigia-me eu mais tarde para a praia. A avisinhar-me da azinhaga, a mesma que sabes, quem julgas que encontrarei? Ella, a condessa. . .

\*Admiravel! exclamarás tu. Temos nova scena. . .

Temos, sim, mas o outro burro já não era eu, era um addido da embaixada russa, aquelle *petit crevé* — lembra-te? — que tem assignatura nas cadeiras de S. Carlos, ao pé de ti. . .

l'avra que . . .

Adeus, e compadece-te de

Teu

Armando.

Doido amigo.

E's um felizardo e um tolo. Possuir durante uma semana, uma loira tão bonita e tão cubicada e encontral-a no fim de oito dias, em doce idyllio com um terceiro — é bem este numero? — é a suprema ventura a que deve aspirar todo o homem de espirito. Querias talvez pol-a n'um altar para a joelhares aos seus pés, adorando-a como a qualquer virgem immaculada. Então, para isso, meu amigo, era necessario não haver nem burros, nem azinhagas, nem condessas loiras. . . Imaginar-se que uma mulher verdadeiramente honesta póde entregar-se nos de um instante para o outro, só porque percebeu, no nosso olhar, uma paixão mais ou menos sincera, é o mesmo que pretender o perdão de uma outra a quem se chamou velha e feia . . .

— Impossivel! Crê no que te digo. A honestidade não se fez só para os outros, fez-se tambem para nós.

Um conselho: vae deixar-lhe um cartão de visita com dois *a. a.* e foge para Lisboa.

Paulo.

Meu amigo.

Desculpo a tua carta porque sei que és meu amigo. Mas tu foste um pouco ingrato para com a condessa. E' verdade que foi culpa minha, mas agora que a conheço melhor, agora que tenho provas evidentes da sua fidelidade, arrependo-me do que escrevi . . . O tal addido é um tolo. Ella não o ama. . . Se até embirra com elle! ainda hontem á noite, nos rimos a bandeiras despregadas, de uma historia muito ridicula, que se conta aqui, d'elle com uma viscondessa que tu conheces muito e que em tempo visitaste tambem muito, a viscondessa dos olhos bonitos como lhe chamavamos, recordas-te? O tal addido fez-lhe a côrte, ella marcou-lhe uma entrevista para a noite, no jardim, e afinal sabes quem era a viscondessa que o lá esperava? Era o visconde habilmente preparado para esse disfarce por sua mulher! . . . Imagina a cara de tolo com que elle ficou! . . . Não teve muito trabalho para isso, bem sei, ficou com a cara que sempre teve mas o caso, espalhado logo de manhã pela praia, e commentado sarcasticamente por toda a gente, obrigou-o a fugir. . . Dizem que a estas horas já vae na altura dos Pyreneus. . . Ah! mas esquecia-me dizer-te que a condessinha foi uma das que melhor assestou as armas do sarcasmo, contra elle! Bem vês que se tivesse havido alguma coisa entre ambos, com certeza ella não o escarneceria.

Quando se gosta devéras de uma mulher, caro Paulo, é se muitas vezes injusto para com ella porque o demonio do ciume faz-nos perder a cabeça. Foi o que me aconteceu. Afinal de contas, nada mais natural do que esse encontro na azinhaga. . .

Depois o addido não era homem para despertar a attenção de uma mulher intelligente como Bertha . . .

Fui cruel nas minhas supposições. Ella bem m'o fez comprehender hontem á noite, lançando-me em rosto a minha estulta desconfiança sobre a sua honestidade, e provando-me á evidencia o seu amor . . . Sou feliz, inteiramente feliz. O conde continua em Lisboa e eu não saio d'aquí, nem á mão de Deus Padre.

E por ultimo, meu amigo, a condessa gostá tanto de mim, que está disposta a fugir.

Armando.

Tolo amigo.

Retiro o felizardo da outra carta e deixo ficar o tolo, com letra grande.

Com que então o addido é ridiculo, e a condessa embirra com elle, e tu e ella escarnecem-n'o, hein?

Esplendido. Não seguiste o meu conselho, e agora já não tens remedio. Ensdenceste de todo.

Se ainda tens alguns momentos lucidos, pergunta á viscondessa porque é que a tua loira amada, embirra com o tal addido. Se ella quizer, ninguem melhor te poderá elucidar sobre esse ponto.

E enquanto a mim, só te previno de uma coisa. Ama a condessa, se amado por ella, rolem como dois pombinhos por esses campos fóra, mas para tranquillidade do teu espirito e gloria da tua toletma . . . não passes mais pela tal azinhaga.

Olha que ha muitos burros, por este mundo fóra. . .

Paulo.

Pela copia conforme

JOÃO COSTA.



## A conferencia internacional de Algeciras



Hotel onde estão hospedados os delegados das diversas nações

# POLITICA INTERNACIONAL

Afinal, como era de esperar, a revolução de Moscou foi esmagada pela força brutal da artilheria, que a ella teve o governo de recorrer para poder triumphar. Por agora, ao que parece, foi a ordem restabelecida na segunda capital do imperio. Mas quanto tempo durará ali a quietação, alcançada á custa de morticínios, que deixarão perduravel memoria nos annaes da crueldade humana? Não se sabe.

Provavelmente, d'aqui a uma ou duas semanas levanta-se nova revolta em qualquer das cidades mais importantes, que ainda se não manifestaram, e assim irão as cousas até não se sabe onde, pois se é grande a teimosia do partido da côrte em não ceder, não é menor a obstinação dos revolucionarios em quererem d'esta vez ficar vencedores a todo o custo. Já o telegrapho nos falla em novos levantamentos em Rostock, na Siberia e na Transcaspiana; e na Curlandia, mesmo ás portas de S. Petersburgo, são de facto os revoltosos que dominam. Onde irá tudo isto parar, se não intervem uma conciliação qualquer entre os combatentes? O credito da Russia vae-se perdendo dia a dia. As suas forças economicas, tão duramente sangradas, não tardarão a enfraquecer-se.

Os gastos para fazer face á insurreição, sommados ás collossaes despesas da guerra, sóbem a cifras fabulosas. Por outro lado as receitas que poderiam até certo ponto attenuar o desequilibrio orçamental diminuem a olhos vistos, o que é perfeitamente comprehensivel, dado o estado de anarchia actual do imperio. As propriedades destruidas, as industrias paralyzadas, os contribuintes mortos, presos ou exilados não podem pagar imposto, e só n'este capitulo o deficit deve orçar por muitos milhões. De outro lado a agricultura, oppressa por uma das muitas crises que periodicamente a affligem e pela crise supplementar das populações em revolta, não poderá pagar tambem o que em epochas normaes pagava ao thesouro, representando esta perda muitos milhões para o Estado.

Se a presente situação continúa por mais algum tempo, como poderá a Russia fazer face aos seus compromissos? A bancarrota parece inevitavel, a não se entrar immediatamente n'uma situação normal. Ora como a pacificação é absolutamente impossivel, a menos que o tsar não se decida a outorgar a valer as reformas que prometteu, toda a responsabilidade recairá sobre elle e sobre os seus conselheiros, se continúa por mais algum tempo o cáhos em que se debate a Russia, com todas as funestas consequencias que são de prevêr.

Vae finalmente reunir-se a conferencia de Algeciras para resolver a intrincada questão de Marrocos, e não se pôde dizer que ella se inaugure sob bons auspicios. Pelo contrario. A campanha da imprensa allemã contra a França, as declarações da Inglaterra de que apoiará esta em todas as suas reevindicações, os annunciados movimentos de esquadras no Mediterraneo e ainda outros symptommas não menos inquietadores estão longe de contribuir para tranquilisar os espiritos. Ora forçoso é confessar que toda esta inquietação e todo este mal estar provém unicamente da attitude da Alemanha. Desde a brusca intervenção de Guilherme II na questão marroquina, com a sua intempestiva e imprudente viagem a Tanger, a Alemanha só tem trabalhado para irritar a França, e por consequencia para complicar uma questão, que já de si e mesmo com muito boa vontade não era facil de resolver. Chega a ser incomprehensivel o papel da diplomacia allemã em todo este incidente. Primeiramente obriga a França, quasi sob a ameaça de uma guerra, a entrar com ella n'um accordo. Realizado esse accordo, porém, ao cabo de longas e trabalhosas peripetias parecia que a harmonia estava restabelecida entre os dois negociadores. Pois não aconteceu assim. Logo no dia seguinte ao da assignatura do convenio, o principe de Bülow com as suas declarações tão contrarias ás praxes diplomaticas teve o condão de ferir profundamente o espirito publico francez, e de inutilizar pela sua attitude a obra de conciliação levada com tanto exito a cabo pelo principe de Radolin e pelo sr. Rouvier. Passam-se as semanas, a polemica a proposito das palavras do chanceller do imperio vae-se pouco a pouco amortecendo, e aproxima-se a reunião da conferencia de Algeciras. Mandava o mais trivial bom senso, se houvesse o sincero desejo de preparar os animos para um accordo leal, consolidar este momento de acalmção para que a conferencia se abrisse debaixo dos melhores auspicios.

Pois ainda d'esta vez não foi isso o que aconteceu. Como que obedecendo a uma senha de antemão combinada, a imprensa officiosa allemã primeiramente, e depois toda ella quasi que em côro unanime, principia de voz em grita n'uma violentissima campanha contra a França, que só pôde ter como resultado immediato envenenar a tal ponto as relações entre os dois paizes, que a conferencia de Algeciras nada consiga resolver, o que poderia ser o prologo de funestos acontecimentos.

Mas ha mais ainda. Como se tudo o que se está passando não bas-

tasse, é exactamente n'este momento que a Alemanha se decide a publicar o seu *Livro Branco* com o fim evidente de attenuar a impressão causada em todos os circulos politicos, incluindo os allemães, pela publicação do *Livro Amarello* francez.

Os documentos apresentados á camara dos deputados pelo sr. Rouvier provam: 1.º, que muito antes da assignatura do tratado anglo-francez foi a Alemanha posta ao corrente das suas disposições pelo sr. Delcassé, então ministros dos negocios estrangeiros; 2.º, que nunca o ministro francez em Marrocos fallou como delegado da Europa, nem nunca se pensou em enviar *ultimatum* algum ao sultão. Que pôde a Alemanha oppôr a estas duas affirmações catheticas, apoiadas pelos documentos officiaes? Tudo o que n'este sentido tentar fazer só servirá para se collocar em peor situação. E' verdade que o principe de Bülow affirmou do alto da tribuna de Reichstag exactamente o contrario do que os documentos officiaes provam. Mas quem é o culpado da leviandade com que taes affirmações se fizeram? Não é decreto o governo francez.

Em summa, a conferencia de Algeciras vae abrir-se e dentro em pouco já se saberão quaes as disposições com que a Alemanha vae a essa reunião provocada por ella, mas que á ultima hora parece ter querido contrariar por motivos que aliás são obvios.

A crise politica na Hungria continúa no mesmo estado. Mais uma vez o parlamento foi adiado, mais uma vez a opposição protestou, mais uma vez o barão de Fejerváry se viu obrigado a pedir a demissão collectiva do ministerio perante o voto de censura das camaras, e mais uma vez o imperador Francisco José se negou a aceitar esta demissão, allegando que na presente conjunctura não podia nomear outros ministros para governarem a Hungria. E esta comedia politica repete-se ha um anno sem se poder prevêr a forma como acabará, porque se o velho imperador teima em não fazer concessão alguma no tocante á lingua do commando aos chefes da colligação, estes pelo seu lado mantem-se firmes no posto e não desarmam perante a obstinação da côrte. De modo que dia a dia a incompatibilidade entre a corôa e a nação vae-se accentuando. Provavelmente quando o imperador actual ou o que lhe vier a succeder quizer entrar no caminho da conciliação será já tarde.

O governo anti-constitucional e anti parlamentar, que se conserva no poder apenas por um acto da vontade de Francisco José contra a nação inteira, lançou mão de um programma espantoso para desmortejar o espirito publico. A colligação não se acabou e mesmo n'esse campo aceitou o repto. Segundo todas as presumpções o parlamento vae de novo ser dissolvido, travando-se então a lucta suprema em que Francisco José joga inevitavelmente a corôa, qualquer que seja o resultado das eleições.

Se a colligação vence, o que o imperador tem a fazer é desde logo abdicar, para ao menos salvar a dynastia. Se pelo contrario é vencedor o partido da côrte a irritação que isso produzirá no paiz robotecerá extraordinariamente o partido da independência e dentro em pouco tempo a opinião da Hungria inteira será separatista, ficando implicitamente perdida para os Hapsburgos a corôa de Santo Estevam.

Na Italia resolveu-se a crise ministerial, que ha tempos alli estava latente, sendo o sr. Fortis encarregado da formação do novo ministerio, que não é mais do que uma remodelação do antigo presidido pelo mesmo estadista. O pretexto para a queda do governo foi a rejeição pela camara do *modus vivendi* com a Espanha. A causa real foi a situação insustentavel do gabinete, collocado entre os conservadores de Sonino, que não podiam appoiar-o, e os radicaes e socialistas que o atacavam cada vez mais rijamente pelas suas veleidades reaccionarias. O novo governo, que sob o ponto de vista parlamentar e politico vale tanto como o precedente, tem apenas de notavel o ministro dos negocios estrangeiros, marquez de San Giuliano, comprometido por diversos escriptos *irredentistas* na questão da Albania. Ha de ser curioso vêr como o novo ministro concilia as suas antigas opiniões n'este ponto com os deveres que a posição actual lhe prescreve para com a Austria, aliada da Italia. O que é certo é que a politica italiana atravessa uma crise, que cada dia se accentua mais. Os grandes nomes do periodo aureo do seu renascimento pôde dizer-se que desapareceram todos. Os que lhe succederam são os epigones, que não têm hombros bastante possantes para arcarem com as responsabilidades da situação. D'ahi a instabilidade de todos os ministerios, o fraccionamento dos grupos parlamentares e o mal estar da nação, que a todo o momento e por todas as fórmias se man festa.

CONSIGLIERI PEDROSO.



# Asylo-Escola

Antonio Feliciano de Castilho

**U**ma das instituições de caridade mais sympathicas em Lisboa é incontestavelmente esta Escola-Asylo, de que inserimos algumas gravuras, e que o grande publico indifferente mal conhece.

É curta mas interessante a historia da sua fundação: diz-se em poucas palavras. Não tem protecção official e sustenta-se mercê dos esforços dos varios directores desde 1889.

A primeira ideia de um instituto para cegos partiu de uma senhora — m.<sup>me</sup> Victorino Sigaud Souto, filha do dr. Sigaud, que no



Julio Cesar de Vasconcellos Corrêa  
Actual director do Asylo-Escola

Rio de Janeiro fundou o Instituto de Cegos, hoje denominado de "Benjamin Constant". Esta senhora, para conseguir idêntica instituição em Lisboa, promoveu varias sessões publicas em que apresentou tres creanças educadas no Instituto de Paris, e expoz o seu generoso projecto. Em uma d'essas reuniões, nas salas do *Commercio de Portugal*, em março de 1888, ficaram assentes as bases para a criação da *Associação Promotora do Ensino dos Cegos*. De m.<sup>me</sup> Sigaud foram auxiliares dois homens de iniciativa — Fernando Palha, então presidente do municipio, e Antonio Marcellino de Lima Carvalho.

Assim foi que, no dia 1 de janeiro do anno seguinte, na rua do Conde Nazareth, abria as suas portas á infancia cega o primeiro asylo, com o nome do illustre poeta Castilho — cego.

Novo era o numero dos internados. Mas esses mesmos infelizes, só com grandes esforços e promessas se conseguiu arrancar ás familias que os exploravam na mendicidade e tinham horror ao internato.

Um dos homens que mais serviços prestou ao asylo foi o sr. José Justino d'Almeida Teixeira, que tomou a sua direcção, auxiliado effizantemente pelos actuaes membros da mesma direcção, srs. Gustavo Ernesto Ressano Maurity e Julio Cesar Leão Cabreira. Depois da sua morte, em 97, foi eleito presidente o commendador sr. David de Lima Trindade. Data da sua gerencia a maior florescencia da instituição.

Em 98 o asylo, que estava installado em Pedrouços desde 95, mudou-se para Lisboa. Regulamentaram-se então as provas finais do ensino secundario, organisou-se a orchestra de alumnos, creou-se uma

escola de musica, montou-se o ensino profissional do fabrico de escovas, creou-se a aula de gymnastica sueca e de dança, e iniciaram-se os trabalhos de rendas de bilros. Muitos donativos teve o asylo. Entre elles justo é mencionar a doação feita por duas senhoras — D. Maria José do Prado Rodrigues e D. Adelaide do Prado



Trabalho de bilro

Rodrigues — de 3:100 metros quadrados de terreno no bairro de Campo de Ourique para n'elle se edificar casa propria.

Esta sympathica instituição vive das quotas dos subscriptores, de emolas, de donativos em generos, e de festas e bazares que promove, alem do producto de festividades religiosas em que varios grupos de alumnas cantam acompanhadas pela orchestra de alumnos cegos.

No asylo lecciona-se — e é interessante ver o adiantamento e o desejo de saber dos educandos — 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> grau de instrucção primaria, portuguez, francez, rudimentos de musica, piano, violino e violoncello, orgão e canto.

Nas officinas de trabalho ensina-se tecelagem de sapatos de trança, fabrico de escovas, obras de malha, ponto de meia e bordado, e rendas de bilro. Hoje alberga 36 alumnos 16 raparigas e 20 rapazes.

Tal é a traços largos a historia do Asylo dos Cegos que os seus directores, com uma abnegação digna de elogio, se esforçam por manter no mesmo pé de florescencia, e de conforto para os seus albergados, angariando elementos e trabalhando denodadamente.

Por morte do director, ha mezes, sr. David Trindade, succedeu-lhe por eleição o distincto engenheiro naval sr. Julio Cesar de Vasconcellos Corrêa, cujo retrato publicamos, e que nos poucos mezes de gerencia sobejas provas deu já da sua dedicação e solidicidade por esta casa de caridade, que bem merece a sympathia dos leitores do *Brasil-Portugal*.



Os vinte asylados cegos internados

# Lenda

Em Obidos ha cerca de 758 annos «circiter» (em 10 de janeiro)

**M**al tremeluzia ainda a madrugada quando a mui gentil Isma, filha do velho cáid moiro Ismael, valente alcaide d'Obidos, vindo açodada do varandim que no castello olha para nordeste, e entrando na sala d'armas, exclamava espavescida:

— Pae, as arvores caminham!

— ?!

— Pae, eu vi as moitas andar! insistiu ella convicta.

(Encolhimento d'hombros de Ismael, desdenhoso)

— Vi, pae! Podéis crer que vi!

— Viste?! Póde lá ser, filha!

Não viste, filha: sonhaste... Vae para o teu divan, e pede a Alah que sustente a coragem dos valentes filhos d'Agar; que, se tal coragem não cair como as flores da palmeira que o vento do nosso deserto açoitou, não entrarão as nossas muralhas, sem o pagarem com a vida, os combatentes lusitanos.

Assim disse o velho mas forte Ismael; e, tanto que o disse, saiu para o terraço, que, do castello olhava para o burgo, a ver se qualquer coisa anormal...

Mas apenas elle se debruçára sobre o varandim do alpendre, ouviu a voz da filha que afflicta gritava:

— Pae, accude! accude, que se batalha aqui por baixo! ..

Agora um nadita de historia.

Apoz a brilhante tomada de Lisboa, resolveu D. Affonso Henriques apoderar-se de todas as outras praças fortes, extremenhas, d'áquem-Tejo. Estas eram Alemquer, Torres Vedras, Obidos... Obidos, porém, avultava-lhe mais no animo de conquistador por causa de umas contas a ajustar com Ismael, o alcaide d'esta villa.

Quando o valente caudilho luso cercava Lisboa, foi lá investir-lhe um dos pontos do cerco, junto a Sacavem, o alcaide d'Obidos com 5.000 homens de cavallo.

Affonso Henriques logo ali lhe fez pagar cara esta ousadia, mas, n'aquelle tempo de fortes gentes, as paixões fortes eram tambem, e duradouras. Olho por olho, dente por dente! A espinha que lhe ficara na garganta por causa do predicto resolveu Affonso Henriques tirar-a quanto antes: e por ello, apenas concluidas as coisas em Lis-

boa: 'vamos a Obidos!, E nós vamos volver á Lenda. E' extractada de um velho manuscripto alcobacense.

Metto aqui um paragrapho á laia de parenthesis para dizer o meu cuidar respeitadamente a lendas.

Adoro as lendas.

Pudera! Se eu sou peninsular! E beirão, que é ainda muito mais do que isso!

Adoro as lendas, como adorei sempre as minhas queridas avósinhas; porque tenho para mim que as lendas são as avósinhas da historia. Quando a neve branqueava tudo lá por fóra de casa, e o



Asylo-Escola Antonio Feliciano de Castilho. — Grupo de asyladas cegas

fogo da lareira roseava todos dentro do lar, as longas noites de inverno passavam céleres, se os labios tremes das nossas santas avósinhas nos diziam lendas, que ora nos enthusiasmavam por heroicas, ora nos espavesciam de tétricas.

Quantas dulcissimas lagrimas, quantos terríveis calafrios!! Mas tudo nos encantava e fazia respirar pelas noites da lareira, ao calor das hachas, mui aconchegadinhos do collo das nossas encantadoras velhinhas.

Da lenda nasceu a tradição, e d'esta a historia, que a humanidade começou a fixar com symbolos, com hyeroglyphos, com as letras, nas columnas, nas lapides, nos monumentos, nos papyrus, nas tabellas, nos pergaminhos, nos livros.

Bentas sejam, pois, as lendas e as nossas avósinhas.

Fecho o parenthesis, e vamos á lenda.



Asylo-Escola Antonio Feliciano de Castilho. — Grupo do sexteto e canto

Tão veramente afflicto era o appello de Isma, que o velho moiro correu logo aonde a filha o chamava, e, mal ali chegou, logo sentiu um forte estrondear onde era a porta escusa do castello. Correu para lá; mas, o que do topo da escada viu fel o fechar de repellião e aferrolhar bem a porta que d'ali vedava o resto do castello; e, tomando a filha nos braços, correu para onde estava o troço da guarda da Cerca, exclamando:

— Traição! traição!!

Tudo isto foi por que:

Como D. Affonso Henriques já desesperasse da tomada de Obidos, pois que dos repetidos assaltos que dera ao forte e amuralhado burgo sómente resultaram mortes e ferimentos para sitiantes e sitiados, e como ia já perdendo um tempo preciosissimo, etc., etc., n'um dia em que resolvera dar descanso ás suas tropas, subiram elle e o Lidador ao alto da

encosta fronteira, actualmente denominada calçada de Santa Iria, e lá, remirando bem Obidos, falaram da difficil empreza.

Por fim o Lidador:

— Cuido que descobri o logar da porta escusa do castello. E' alem. — E apontava lhe a encosta do burgo que olha para nordeste.

E proseguiu:

— Hei de aclarar bem o caso: feito o quê, com uns poucos de serranos, que tenho no meu troço, arrombo a porta, entro no castello, mato tudo, e logo teremos ingresso na praça.

— Que Deus te oiça, meu valente irmão d'armas! Voto á Virgem...

E n'isto ficou-se embevescido a olhar para o horizonte fronteiro, que o sol d'esse lindo dia de inverno luso, sem par, já affogava.

Se bem o disse, melhor o fez o valente Gonçalo Mendes da Maia. N'essa noite, rojando se, coleando como uma serpe pela embrenhada encosta do castello, arriscando tantas vezes, e de tantas maneiras, a preciosa vida, conseguiu affim saber onde era a tal porta.

Não sei se elle ao entrar, apoz, na régia tenda do seu caro irmão d'armas, exclamou como Archimédes — *eureka!*

E' provavel que não!

N'aquella época todo o tempo era, aos nossos ricos homens e filhos d'algo, pouco para as luctas em prol da patria, nascente apenas. Nomes de nomeada universal só conheciam os dos grandes heroes, historicos ou lendarios, que os freires das respectivas familias, ou como se o fossem, lhes diziam, quando lhes prelecciona-

vam, em desfastio de longas noites hiemaes, coisas da historia, ou dos contos.

O que, porem, elle concertou com D. Affonso Henriques foi, em resumo o seguinte:

— A'manhã continuamos em mostras de descanso: prepara-se, porem, tudo sonegadamente, durante a noite, para antes d'alba se dar um valente assalto á porta principal do burgo, e muralhas cercas. Eu, enquanto vós atacaes, vou com os meus eleitos forçar a tal porta escusa do castello, que os moiriscos julgam impenetravel, e, por ello, deixarão o castello desgarnecido para accudirem á porta principal do burgo. Fóro a porta...

— Como a da prisão de Guimarães, meu valente... atalhou D. Affonso.

— Tal e qual; disse o Lidador, que assim proseguiu:

— Mato tudo, e mando pôr um facho acceso na almenara do castello. Tendes prompto um troço dos melhores para, assim que tal verdes, correr aonde o meu fiel d'armas...

— E eu corro lá, apoiou radiante D. Affonso: e mettemos pelo burgo dentro...

E, de repellão, abriu os braços, e atirou-se ao Lidador n'um abraço que só o gigante da Maia poderia aguentar incolume!

Foi a fiel execução do predicto projecto aquillo que fez com que Ismael, o valente alcaide obidense, tomasse a filha nos braços, e, correndo para onde cuidava que tinha o troço da guarda da Cerca, exclamasse — *traição! traição!!*

Pelo que a porta escusa do castello ficou desde então conhecida por *porta da traição*. Foi grande o batalhar depois no burgo. O Lidador e D. Affonso fizeram coisas inauditas...

Os moiros bateram-se como os leões do seu deserto, mas Obidos foi affim tomada, e engastado o seu dominio, como gemma preciosissima, na corôa ultra gloriosa do nosso heroe de cem batalhas. E foi isto em 10 de janeiro de 1148, como se lê no precitado manuscrito alcobacense.

E digam-me lá os Herculanos venerandos, e os Theophilos sabedores de tudo e do resto, que não adore eu as lendas!... Comparem o calor d'esta com o frio da historia... Que isto de lidima verdade historica em coisas de ha cerca de oito seculos!... Historias da vida!

FREI ANTONIO.

## EM DIA DE REIS



Sr.<sup>a</sup> duquesa de Palmella e marquez de Castello Melhor



A' saída da Sé. — Conde da Ribeira, sr.<sup>a</sup> condessa de Scisal e conde de Sabugosa



O cardeal Lavigerie viajava em caminho de ferro, e encontrou-se no comboio com um padre de longa barba. O cardeal, que tambem usava barba, ia tão embulhado, que se lhe não viam as vestes vermelhas.

— Vejo que tambem é missionario, disse-lhe o seu companheiro. Vae para Africa?

— Vou a Argel ter com o cardeal Lavigerie, respondeu o cardeal. Conhece-o?

— Bem descjava eu não ter que o conhecer, mas vou ser nomeado seu vigario geral. E' um homem intratavel.

— E', responde o cardeal.

E todo o caminho se fartaram de descompôr o cardeal. Quando Lavigerie chegou ao seu destino, tirou a capa, e o aterrado sacerdote viu que viajava com o cardeal.

— Meu reverendo, disse-lhe Lavigerie, disse muitas coisas verdadeiras a meu respeito, e outras que me parece que o não são, mas uma lhe posso affiançar que não é verdadeira; que eu tivesse tido idéa de o escolher para meu vigario geral.



Marquez de Vega de Armijo

E' um dos chefes do partido liberal hespanhol, candidato como Montero Rios e Moret á chefia do partido na morte de Sagasta, antigo Presidente do Congresso e antigo ministro, que mandou recentemente testemunhas a Montero Rios, por causa de umas declarações politicas feitas pelo ex-presidente ainda a respeito da vida politica do seu ultimo gabinete.

# Taborda



para que o não chamassem emprasador pediu um café. O creado que veio saber o que elle queria, desatou a rir, a rir pede o café e a rir o serve.

— Quanto é?

— Não é nada.

— Não é nada?

— Não senhor. O senhor tem-me feito rir tanto no theatro que eu peço licença para lhe offerecer o café.

De outra vez, conta Julio Cesar Machado, Taborda seguia viagem para o Brasil, e como é um marinheiro detestavel, enjoando muito a bordo, não sahia do seu camarote. Um dia, porém, em que havia menos balanço, veio, muito amarello, para a tolda do navio. Tropego, doente, com as pernas fracas, avistou ao longe um creado que o olhava.

— Oh senhor, dá-me um caldinho?

O creado desatou a rir. Taborda repetiu:

— Faz-me um favor, dá-me um caldinho?

O creado cahiu nos braços, a rir desesperadamente e batendo-lhe nas costas: — Isto é que é um maganão! Até n'este estado, tem graça!

Quando Taborda n'uma comedia o *Pennacho*, representada no Gymnasio, voltando se para um dos personagens dizia com a maior naturalidade: — Olhe que Theophilo é com h; a plateia rompia n'um côro de gargalhada. E no entanto, a phrase nada tinha para despertar o riso, mas Taborda dizia-a tão bem, dava-lhe uma intenção tão

comica, que nem uma só pessoa, ao ouvi-la, poderia ficar séria. Em uma comedia de Gervasio Lobato havia um acto passado n'uma sala burgueza, em que se dançava uma quadrilha. A maneira comica como Taborda, amavelmente, offerencia a mão no *grand chainé*, bastava para que a plateia rompesse sempre n'uma gargalhada formidavel, unisona, que só terminava quando acabava a quadrilha.

Elle tinha o poder do riso, e no entanto como bem dizia Midosi não era um jovial. Hoje, cançado pelos annos, aborrecido pela surdez, Taborda é ainda mais melancolico. Mas adivinha-se-lhe a travez toda essa melancholia, como se adivinhava a travez do seu riso, aberto e franco, de ha annos, um fundo de bondade que foi sempre o principal segredo das popularidades duradouras, como a que conserva ainda hoje, no seu paiz, o glorioso artista. E' que o publico que riu com elle, guardou-lhe sempre gratidão pelo que elle o divertiu, e começou a estimal-o. Entre os artistas Taborda é adorado. Merece-o. Ainda não ha muito que lendo o livro do sr. Barbosa Colen, *Entre duas revoluções*, encontrei uma prova do valor do seu character. Era em 1848 quando se deu este episodio narrado assim pelo interessante historiador:

Em Lisboa publicava-se então a *Revista del Mediodia*, da qual era redactor Luis Rivera. O hespanhol accusou o Palha de ter feito, no *Anilador das almas*, uma simples traducção do *Sacrifício de S. Lorenzo*. Houve polemica. O Rivera, na sequencia das suas criticas, louvou muito o Taborda e amesquinhou os que com elle representaram no Gymnasio. O Taborda, que primou sempre pelas raras qualidades de camaradagem e dedicação aos companheiros, veio á imprensa com uma carta, em que dizia:

«A injustiça com que o sr. Rivera trata aquelles que, como eu, trabalham por merecer as sympathias do publico portuguez fará talvez acreditar a muitas pessoas que a excepção feita para commigo é tambem injusta, é filha de rogos



Taborda aos 40 annos

completou ha dias oitenta e dois annos de idade o actor Taborda. Todos os jornaes citaram essa data, quasi todos os artistas foram dar-lhe os parabens. Estes dois factos bastam para dar bem o quilate do seu valor como artista e do seu valor como homem. Taborda é hoje uma reliquia do theatro portuguez, a qual se olha com amor, com enthusiasmo, com paixão, como se olha para uma bandeira, symbolo da patria, carcomida pelos annos e pelas guerras. Taborda é tambem um symbolo, o symbolo da arte de representar, que nunca teve interprete mais naturalista. Elle foi por assim dizer na sua maneira theatral o predecessor do theatro moderno. Quando Taborda, falando n'um palco como toda a gente fala cá

fóra, desopilava com a sua graça extraordinaria os figados de toda uma geração de espectadores, nos grandes theatros cantava-se a declamação como nos grandes salões se cantava a recitação. Os poetas não diziam versos, entoavam-n'os, os actores não diziam phrases, cantarolavam-n'as. Estavam em moda a affectação e a emphase. Só Taborda falava como toda a gente, e ria como poucos. Saber rir é, como escreveu uma vez Urbano de Castro a proposito do proprio Taborda, uma das melhores cousas que Nosso Senhor, na sua infinita misericordia, tem atirado cá para este mundo. E' elle que, na confissão de um dos seus amigos mais intimos e de um dos seus collaboradores mais assiduos, Paulo Midosi, era mais melancolico do que jovial, apparecia á bocca de scena, dava dois passos, olhava, não tinha ainda aberto a bocca, e já o publico todo estava a rir. Bastavam aquelles olhos, muito grandes, muito expressivos, para que tudo reventasse ás gargalhadas.

Por isso quando elle, ha quarenta annos, atravessava as ruas de Lisboa, não havia nenhum que não risse.

Uma vez estabeleceu-se um botequim proximo do adro da Encarnação. Taborda quiz visitar o estabelecimento e entrou, mas



No «Inglez e Francez»

... Nós todas estar grandes patifas.



No «Medico á força»

... Ferret olium carrapatís ...





No «José do Capote»

... Que olhos que me deixam!...

tavel. Pagou a má orientação com o desprezo geral e com alguns conflitos, a que teve de pôr ponto... passando a fronteira. Como faziam, porém, os generosos do seu país, que por esse tempo, por motivo do mallogro de successivos pronunciamentos se viam na necessidade de emigrar, — lançou a publico uma especie de manifesto, — que era carta de despedida... a *Revista del Mediodía*.

Taborda debutou, a acreditar em Paulo Midosi, n'um papel de creado de botequim n'uma comedia do Gymnasio — então um carunchoso pardião, dirigido por Emilio Douse — intitulado *Marido que se desmoralisa*.

Tinha apenas uma phrase esse papel. Era esta:

— Salta um chá de tília!

Tanto bastou para Douse convencer-se que tinha adquirido um actor. E não se enganou.

No seu repertorio primitivo figuram *Velhice namorada*, uma peça que representou dezenas de vezes, com um lenço de riscas encarnadas que lhe havia dado Paulo Midosi; *conse'ho dos dez e qual dos dois?* duas operas comicas de Midosi e José Maria da Silva Leal; *Misanthropo*, *Tio André que vem do Brasil*, *Andador das a'mas*, *Fabia*, *A marquezia*, o *José do capote*, que rompe a serie de scenas comicas, *Inglez e francez*, o *Amigo dos artistas*, o *Amor pelos cabellos*, *A sahida da tragedia*, *Procopio Baeta*, o *Amigo Banana*; e depois d'estas, outras que ainda estão na memoria de todos, até á *reprise* dos *Medicos* no theatro de D. Maria, em 1897, epoca em que houve um conjunto brilhante de desempenho.

Hoje, retirado de scena, onde apparece apenas em noites celebres, não é raro encontral-o nos bastidores dos theatros sempre que faz beneficio algum antigo companheiro ou algum novo que seja necessario animar, e todos o abraçam e todos o beijam como um avôsinho terno e bom.

meus, ou de relações de amizade que existam entre mim e o dito senhor: para que ninguém diga ta. decido que se n'outro tempo houve alguma relação entre mim e o sr. Rivera, essa relação acabou, e não pode existir mais.

Além de tudo isto, a injustiça do sr. Rivera para com os meus companheiros obriga-me a duvidar da sinceridade das suas palavras a meu respeito. Agradeço-as, mas peço a S. S.ª que me poupe o mais que lhe fór possível. A minha modestia resente-se com os favores do sr. Rivera.

Rivera respondeu em castelhano e o sr. Barbosa Colen reproduzindo o artigo, acrescenta-lhe:

O auctor da epistola castelhana não teve o bom criterio de comprehender, a tempo, que, n'um paiz estranho e com accusações aos seus litteratos mais queridos e aos seus artistas de maior talento, creava uma situação insustentavel.

Pagou a má orientação com o desprezo geral e com alguns conflitos, a que teve de pôr ponto... passando a fronteira. Como faziam, porém, os generosos do seu país, que por esse tempo, por motivo do mallogro de successivos pronunciamentos se viam na necessidade de emigrar, — lançou a publico uma especie de manifesto, — que era carta de despedida... a *Revista del Mediodía*.

Ruy tornara-se assiduo frequentador dos salões da condessa que todas as quintas feiras recebia no palacete da estrada do Lumiar. Era uma sociedade amalgamada, em que o elemento artista se ligava com intimidade á empertigada rigidez do mundo diplomata. Ruy sorria, percebendo que os seus talentos e triumphos de artista tinham conseguido commover o coração de Felicia que o apreciava com todas as forças de uma grande dedicação e que o amava ternamente na ingenuidade da sua alma ainda virgem. Agradecia-lhe attentosamente, sentindo se lisongead, mas ama'l'a, isso nem por sombras, preferindo no seu cynismo de *ricur*, a conversa mais attrahente, mais escabrosa, mais *firt*, da mãe, ao terno volver de olhos da pobre pequena.

— Uma banalidade, — pensava elle, — pouca instrucção, nenhuma leitura.

A condessa, essa era toda vida, vida real e de prazer, e apesar dos seus quarenta annos já feitos, os seus olhos azues, a cabelleira loira, o cintado do corpo e o esplendor marmoreo dos hombros, quando escandalosamente decotada, atravessava o salão inundado pela luz dos candelabros, tudo lhe dava os encantos de mundana de raça. Os admiradores da condessa eram numerosos, mas entre tantos, Ruy não deixava de ser contemplado e talvez mesmo preferido. Mas os rivales vigiavam o, o que constituia uma garantia para a virtude da condessa. Já rosnavam em surdina os

descontentes e rosnavam os invejosos n'um intimo accordo contra as pretensões de Ruy, d'esse homem sem nome, sem titulo, um reles artista!



Nos «Medicos»

... Marianna! ai, Marianna!

Noite. E noite escura.

Dansava-se no salão, quando a condessa afogueiada pelo calor, n'uma vertigem, se deixou arrastar pelo braço de Ruy até ao terraço.

— Sente-se melhor? — perguntou-lhe elle baixinho, depois de a installar no caramanchão de rosas.

— Melhor, respondeu em voz sumida.

— Se soubesse como me assustei!

— Sim? — disse ella n'um sorriso de *coquetterie* e de ironia. Mas confesse que não deixa de lhe agradar o acaso que nos trouxe até aqui.

— Ah! sim confesso, condessa, e garanto-lhe que pagaria com dez annos de vida um momento semelhante a este, se ao menos soubesse que aqui tinha vindo por sua propria vontade.

— Pois quê!? Julgou que vim forçada, que não senti a sua imprudencia em me arrastar até aqui?

— Então foi porque quiz? Porque que quiz estar junto de mim, a sós, longe de todos, para me ouvir dizer que a amo...

— Oh! Tanto não!!!

Ergueu-se.

— Fique, fique mais um momento, o bastante para me dar outro dia, outra hora em que eu a possa ver, ouvir a...

— Não será pedir de mais?

Ora pense, — disse ella com um sorriso cheio de doçura, — não acha que é exigir muito? Todas as semanas me encontra aqui em casa: não sei que mais quer.

— Queria-a só para mim, queria que ninguém mais a ouvisse quando me fala, que ninguém mais nos escutasse quando conversamos. Queria poder-lhe dizer, sem que ninguém nos interrompesse, repetir-lhe que a amo, porque a amo e muito, condessa, com todas as forças da minha alma, com todo o sangue do meu coração. Queria estar só junto de si para a sentir minha, para a poder apertar nos meus braços.

E Ruy agarrou a pela cintura e puxou-a para si. Mas a condessa n'um gesto brusco, chicoteou-lhe a cara com o leque que se lhe desfez nas mãos.

Quando Ruy voltou a si, ainda ponde ver a condessa subindo a escadaria de pedra. E a sua figura elegante destacava-se no brilho da porta resplandecente de luz.



No «Ventura, o bom velhote»

## O casamento do Ruy

— Ruy casar? Pode lá ser; é um absurdo! E ainda assim era verdade.

Os amigos de Ruy que tantas e tantas vezes lhe tinham escutado as theorias pessimistas e schopenhauerianas a respeito do casamento, de forma nenhuma se queriam convencer do que ouviam. Apenas o velho Fromont que o conheceu durante a sua estada em Paris, quando Ruy pela primeira vez viu um dos seus quadros pendente dos muros do *Salon*, é que sorria por baixo da sua barba branca, se o pintor lh'o tivesse participado. Fromont respondera sempre aos eternos protestos de celibato da parte de Ruy, com um:

— \*Os que mais gritam são os primeiros, — sibillado por entre os poucos dentes que a velhice prematura lhe deixára.

Fromont era um *vieux marcheur*, como o tinha sido toda a sua vida, e sentia um certo desprezo por todos os que juravam não se casar: é que conhecia a velleidade d'essas promessas em corações d'artistas, corações poeticos e tolos.

Mas não se imagine que foi um sorriso de olhos azues, ou o suspirar de um peito de virgem de dezoito annos, que transformou as resoluções do coração de Ruy. Não, não foi nada d'isso: casou sem querer.



No «Tio Matheus»

... E graça para servir a Deus.

grande admiração, por que, para lhe dizer francamente, estava certa de que vinha. Preciso immenso de falar consigo; na segunda feira não tenho visitas; espero o das nove para as dez da noite.

\*Sua muito amiga

N...

Um pouco mais abaixo, n'uma letra talvez mais miudinha, mas firme e ligeira como o resto da carta, lia-se:

\*Descanse que já está perdoado.

Ruy sentiu uma intima satisfação e um pouco de vaidade ao ler o bilhete da condessa.

— Até que enfim! murmurou.

Ao bater das nove horas de segunda feira estava elle á porta do palacete da estrada do Lumiar. Esperou em uma saleta de luxo confortavel e intimo, illuminada por um candieiro de columna, que de um canto espalhava por todo o quarto a sua luz tenue, amortecida por um abat-jour verde. Pouco depois entrou a condessa.

— A sua pontualidade não permite que me zangue consigo por não ter apparecido na quinta feira passada, disse.

Ruy ia falar, agradecer-lhe de se ter dignado recebê-lo a sós, mas a condessa adivinhou-lhe o pensamento e interrompendo-o:

— Preciso immenso de si. Para a semana temos um baile na legação da França, um baile *tracesti* e francamente gostava que o seu espirito de artista me ajudasse sobre a escolha do disfarce.

— E' um pretexto, — pensava Ruy; e para a condessa: — Todos os generos são bons quando alguem como a condessa...

— Lembrei-me de um vestido no genero antigo, — interrompeu ella. — Que lhe parece, caro mestre?

— Mas adoravel, condessa.

E Ruy ia se indispondo com a mania de o interromperem no minimo galanteio; e, tomando corajosamente o seu partido, começou a rabiscar uma serie de figurinhas antigas estranhamente animadas ridiculas, sem nexos.

— Que tem!? — Perguntou a condessa com meiguice, percebendo a sua commoção.

Ruy levantou-se de um salto.

— Completamente impossivel, desculpe-me sinto-me, abstracto, amanhã lhe mandarei os desenhos.

E sem mais despedidas precipitou se para fóra da saleta e saiu.

— Sim senhor! Um successo a conquista d'esta mulher!



No «Amigo Banana»

... Estava em casa com toda a certeza

Ruy sentiu-se ridiculo.

Quiz fugir e ao atravessar o salão, sentiu uma voz muito meiga dizer-lhe:

— Já se vae em bora?

Voltou-se; era Felicia.

No fundo da sala a condessa que o via sair, sorria-lhe de longe.

— Ha-de ser minha! — repetia Ruy ao achar-se na rua.

\* \* \*

Na quinta feira seguinte não foi a casa da condessa. A sua ausencia foi notada e dois dias depois Ruy recebia da mãe de Felicia o seguinte bilhete:

\*O ter-nos faltado hontem causou me

grande admiração, por que, para lhe dizer francamente, estava certa de que vinha. Preciso immenso de falar consigo; na segunda feira não tenho visitas; espero o das nove para as dez da noite.

\*Sua muito amiga

N...

se no redemoinhar de danças extravagantes, Ruy entrou escondido n'um habito de monge que lhe cae até aos pés desde a cabeça envolta em um capuz, a cara coberta por uma mascara preta.

N'aquelle *brouhaha* de vozes atabalhoadas e grotescas, Ruy procurou com a vista o vulto elegante da condessa, tentando adivinhar-a entre tanta gente disfarçada, entre tantos rigorosos incognito.

N'um sala visinha, installada em um estrado de occasião, tocava a orchestra de figuras cerimoniosamente encasacadas, na postura severa de verdadeiros musicos diplomatas.

— Por aqui, caro mestre?

Ruy voltou se e deu com os olhos em um delicioso dominó negro de fitas cõr de rosa no capuz e no hombro esquerdo, deixando ver, atravez do *loopy* que lhe cobria a cara, uns olhos azues muito brilhantes, muito trocistas.

— Ah! até que enfim! Ha muito que a procurava, — disse Ruy, sem mesmo disfarçar a voz, procurando agarrar entre as suas, a mão com luva branca que segurava um leque; mas o dominó das fitas cõr de rosa escondeu-se por detraz de um par que passava e atirando-lhe um adeus com o leque, gritou lhe de longe:

— Para frade acho-te muito atrevido.

E sumiu se n'uma gargalhada. Ruy tentou seguir a, certo de que era a condessa, mas ella esquivara-se habilmente no burburinho da sala e desaparecera.

— Pouca sorte, meu padre! — disse alguém atraz d'elle batendo comicamente no peito.

Ruy sentiu-se soberanamente ridiculo n'aquella sua vestimenta de monge, amaldiçoou a ideia que tivera em a escolher, e tomou a decisão de ir mudar de disfarce.

Saiu e meia hora depois reapareceu, com um dominó negro com fitas da mesma cõr. Tornou a procurar a condessa e perdidas quasi completamente todas as esperanças de a tornar a encontrar, dirigiu se para o bufete a tomar um refresco.

— O habito não faz o monge.

Era a condessa.

— Por quem é não fuja, — suplicou Ruy voltando se precipitadamente e tomando as mãos da condessa, depois de a ter abaixado a mascara.

— Não se descubra, disse ella. Lembre-se de que se o conhecessem depressa dariam comigo, o que me não convem.

— Veiu só, perguntou Ruy?

— Felicia tambem cá está.

— Ah! como me sinto feliz de a encontrar, sr.<sup>a</sup> condessa...

— Cale-se... e tomando lhe familiar-

mente o braço dirigiu-se com Ruy para uma meza vazia no vão de uma janella. — E se promette ter juizo, continuou, assentar-me-hei aqui a conversar consigo um bocadinho. Não quero que me conheçam porque disse a todos que não vinha e a não ser umas amigas de Felicia e o senhor ninguem mais sabe que aqui estou.

— Mas porque fugiu tão rapidamente ha bocado, depois de me ter falado?

— Porque alguém me seguia e tive medo de que uma imprudencia sua compromettesse o meu incognito.

— Deixe-me que lhe agradeça o dar-se-me a conhecer e se soubesse como sou feliz por essa prova da sua estima.

— Ah! deixe-se de illusões meu caro amigo; dei-me a conhecer porque andava aborrecida, precisava de alguém para me distrair e n'este caso prefiro o a outro. Ouf! mas aqui suffoca-se; vamos até ao jardim, quer? — e a condessa, descendo a mascara, tomou com Ruy o caminho do jardim profusamente illuminado á veneziana. Numerosos pares passeavam por entre os canteiros, de braço dado, aproveitando o pretexto das mascaras para esconder nos massios de verdura as phrases apaixonadas de amores de occasião.

— Faz me saudades de uma outra noite, — disse Ruy ao ouvido da condessa, — de um outro passeio mais intimo no seu jardim; lembra se, condessa? Foi o momento mais feliz de toda a minha vida, juro lhe, e quando julgava todos os meus sonhos realizados, quando julgava tudo possivel para a minha completa felicidade...

— Que tem feito desde então? — perguntou ella interrompendo o.

— Tenho pensado em si, condessa, tenho inventado mil pretextos para lhe poder falar a sós, para a sentir outra vez ao pé de mim, como n'aquella noite, para lhe poder dizer muito ao ouvido que a amo, para lh'o repetir, condessa, para lhe pedir que me acredite. Ah! se eu a pudesse encontrar mais amiudo n'uma intimidade muito nossa!



«Efeitos do vinho novo»

... E visto já termos

Agora do novo,

A'cante meu poro!

E' dar-lhe p'r'a frente!

— Dar-lhe-ia muito prazer, Ruy? — disse ella, fitando o demoradamente e deixando cair as palavras.

— Como se atreve a duvidar, condessa!

Ella então parou, largou o braço de Ruy e depois de uns momentos de silencio, mudando completamente de expressão, repentinamente seria, os olhos muito abertos e com uma voz aspera e sumida.

— Amanhã de tarde... espero o ás quatro horas... sósinha...

Ruy não teve tempo de lhe agradecer, porque a condessa fugira para o salão.

Com a cabeça cheia de um tropel de ideias confusas, Ruy continuou a tomar o fresco no jardim, sem querer acreditar no *rendez-vous* que lhe dera a condessa.

— E' portanto verdade, — pensava elle.

E por uma excentricidade incompreensivel, o desejo de a ter nos seus braços, de a apertar, de a beijar, ia crescendo cada vez mais e a ideia de esperar ainda até ao dia seguinte tornava-se inadmissivel para elle.

— Hoje mesmo ha-de ser hoje mesmo, — pensava elle, — logo quando ella sair, levo-a na minha carruagem...

— e com medo de que ella se fosse embora sem elle saber, dirigiu-se para a porta da rua e, tirando o *dominó*, es-



No «Medico à Força»

... Também mysterio!...

perou que saísse o grupo da condessa, para a conhecer, para a levar.

Pouco tempo depois, Ruy viu um rancho de dominós descer apressadamente a escadaria e sair para a rua, com grande algazarra, a tomar lugar em tres carruagens que esperavam á porta.

— N'um relance Ruy reconheceu as fitas côr de rosa do dominó da condessa e uma voz disfarçada dar-lhe as boas noites.

Não hesitou. Agarrou a pela cintura e n'um pulo precipitou-se com ella para dentro da sua carruagem.

— Para casa! gritou elle ao cocheiro. — E enquanto a carruagem rolava pelas pedras da calçada, Ruy agarrando, pela cintura, a condessa que, transida de medo, se encolhera n um canto, chegou-a junto a si e tão perto que quasi lhe tocava a mascara negra.

— E's minha; perdo-me a minha brutalidade mas já te não deixo, porque te quero para mim, para mim completamente. Não podia esperar mais tempo e porquê esperar? Porque não havemos de ser felizes hoje mesmo? Porque te não hei de eu beijar agora com todo o ardor dos meus beijos? Para quê esta mascara?... — e n'um movimento brusco arrancou-lh'a da cara.

Um soluço foi a unica resposta que obteve.

Ruy endireitou-se, passou a mão pelos olhos, não querendo acreditar no que via.

Era Felicia que elle tinha deante de si, olhos fechados, desmaiada no seu dominó de fitas côr de rosa igual ao da condessa.

— Estrada do Lumiar, depressa, — e a carruagem partiu a todo o galope.

No dia seguinte ás quatro horas, Ruy abotoado na sua sobrecasaca, apeava-se de um *coupé*, á porta do palacete da estrada do Lumiar.

O seu primeiro *rendez-vous* com a condessa era para lhe pedir

a filha em casamento. Sabe Deus como a pobre Felicia se sentia feliz com o pedido de Ruy! Apesar de todo o seu amor por elle, nunca se atrevera a desejar tanto.

O velho Fromont é que sorriria por baixo da sua barba branca, se o pintor lhe tivesse mandado participação.

— Os que mais gritam, são os primeiros!!!

Sete-Hias - 1905.

JORGE DE CASTILHO.



Marquesa de Fontes Pereira de Mello

† em Lisboa, a 4 1 906.

Foi uma senhora de um altissimo espirito a sr.<sup>ta</sup> Marquesa de Fontes Pereira de Mello, irmã do glorioso estadista d'este nome. Tendo casucado muito nova, deu a seus filhos uma educação esmerada, e no coureio de seu irmão, teve ensejo de conhecer de perto cousas e pessoas, apreciando-as sempre com o mais fino e justo senso critic. Muito distincta, de figura elegante, muito intelligente, de illustração variada, a sr.<sup>ta</sup> Marquesa deixou meditas muitas poesias e um diario muito interessante, escripto a todo o momento, e que pôde constituir um volume curiosissimo de Memorias.

O «Brasil-Portugal» sente-se orgulhoso de poder dar este pormenor, novo em folha, a respeito da illustre titular cuja morte veiu enlutar uma das familias mais estimadas da sociedade portugueza.



## Pethion de Villar

Sobre a nossa mesa de trabalho temos um numero da *Revue Mance*, de Paris, que acaba de ser especialmente dedicado ao nosso illustre collaborador Egas Moniz (Pethion de Villar), o distincto poeta brasileiro, cujo retrato publicámos ha dias, e que brevemente parte para a Bahia. Este homem de sciencia, *doublé* de um escriptor, foi alvo em Paris de grandes manifestações de apreço por parte de um grupo de litteratos, poetas e jornalistas, que lhe offereceram uma artistica corôa de loiros, cinzelada em ouro, trazendo na intercessão dos ramos duas medalhas com a effigie da Republica Franceza, desenhada pelo celebre Roty, e a seguinte inscripção: *Au grand poète brésilien Pethion de Villar ses admirateurs français, Paris, Octobre 1905.* O dr. F. Burel, secretario geral da Sociopade de Medicina de Paris, offereceu-lhe uma medalha de ouro commemorativa da sessão em que Pethion Villar leu a sua memoria sobre o tratamento de molestias cutaneas e syphiliticas com o emprego de plantas brasileiras.

Da Allemanha recebeu ultimamente uma medalha de ouro com dedicatória, que muito o honra, como homenagem ao poeta que consagra todo o seu estudo á sciencia.

Um aperto de mão ao nosso collaborador, e quem o *Brasil-Portugal* deseja boa viagem.

# Casas de Trabalho

**A** CABAR com o quadro negro da mendicidade, que é o aviltamento das sociedades modernas, tem sido o sonho douro de quantos governadores civis se sucedem na suprema administração do primeiro districto do paiz, desde ha mais de trinta annos, para não ir mais longe do que a nossa memoria alcança.

A capital molestava-se com essa ostentação de miseria e com o assalto constante dos mendigos; os jornaes reclamavam contra semelhante estado de cousas, e o chefe do districto dictara medidas decisivas de repressão contra os pedintes, animados pelas intenções mais nobres e generosas. Mas essas medidas duraram... *ce que event les roses: l'espace d'un matin!*

E' que acima da ordem e da lei ha outra lei que ninguem pôde illudir nem postergar: é a lei da humanidade.

Com effeito, perseguir os mendigos, prohibir-lhes o pedir esmola, captural-os, são coisas facéis e simples. Mas... e depois? Que destino dar a um exercito de pedintes, estropiados uns, validos outros, desgraçados estes, viciosos aquelles, infelizes todos?

Eis o problema. O problema de muitos annos e sempre sem solução! O problema que encerra muitos problemas, porque são variados e intrincadissimos os aspectos da mendicidade.

Diversos expedientes foram ensaiados á *plusieurs reprises*, como: enviar para as terras de naturalidade os pedintes que não eram de Lisboa, e recolher nos asylos os lisboetas.

Nada d'isto dava o resultado desejado: os mendigos repatriados voltavam no primeiro ensejo e os asylos enchiam-se rapidamente, sem poderem receber uma decima parte da grande legião de miseraveis.

E passado o primeiro ardor cahia tudo na mesma, e o grande problema ficava de pé.

Chegou a vez ao sr. Jorge de Mello (Sabugosa) de encarar o assumpto, e o illustre governador civil pensou que só o trabalho poderia vencer o monstro da mendicidade.

Bem observado o caso chega-se á conclusão de que, d'esse exercito de mendigos de todas as naturezas e indoles, só uma pequena minoria é composta por individuos absolutamente invalidos. Logo,



Instalações para serralharia e forjas

quem proporcionasse occupação, e por conseguinte meios de existencia, aos que pedem esmola; e quem lhes removeesse as difficuldades que os levaram a pedir, extinguiria o mal pela raiz.

Tal raciocinio determinou a criação das Casas de Trabalho que são já uma gloria do sr. governador civil.

Os vadios que se cobrem com o disfarce de mendigos, espantados com uma palavra da taboleta do instituto — *trabalho* — abandonam o campo logo que se convencem de que ha o proposito serio e firme de extinguir este mal social.

Por outro lado, o caracter transitorio da permanencia nas Casas de Trabalho permite a estas dar assistencia a grande numero de pessoas para quem o trabalho é redempção.

Não se fundou um asylo, crearam-se officinas onde cada qual, levado á miseria por circunstancias varias, pode produzir alguma coisa util, pouco ou muito, e ganhar honradamente a sua subsistencia. E' um beneficio, ao mesmo tempo, regenerador e moralizador.



Visita ás Casas de Trabalho em 6 de janeiro

Da esquerda para a direita: engenheiro Taveira — marquez de Avila — Jorge de Mello, governador civil de Lisboa — e Moraes Sarmento, commandante da policia

A primeira das Casas de Trabalho, installada na rua do Sacramento, á Lapa, em uma propriedade pertencente ao sr. José Champalimaud, está dividida em duas alas, de que damos diversos aspectos: a ala das mulheres e a ala dos homens, completamente sagradas.

Na primeira existem officinas de costura, engommados e lavandaria; na segunda ha uma grande carpintaria e officina de pintores e uma serralharia com duas forjas. Successivamente serão creadas diversas officinas onde se produzam trabalhos que

qualquer possa executar sem dependência da aprendizagem, e outras para os diferentes profissionais de diversos misteres que vão apparecendo.

O publico recebeu com decidida sympathia a nova instituição de caridade, cujos resultados serão altamente beneficos sob o duplo ponto de vista moral e humanitario.

Uma exploração odiosa que se fazia á sombra da mendicidade acabou, ou pelo menos está muito reduzida: a exploração das creanças, muitas vezes alugadas para apiedar o transeunte. O sr. Jorge de Mello praticou uma grande obra, que ha de perpetuar o seu nome como governador civil de Lisboa.

As creanças arrancadas a este meio miseravel e vicioso são acolhidas no Albergue das Creanças Abandonadas, e com as providencias que actualmente existem, ninguem precisa recorrer á esmola humilhante.

As Casas de Trabalho são um modelo de limpeza, de boa ordem e de administração, como o attestam quantas pessoas as teem visitado, o que é prova do desvelado amor com que d'ellas se occupam os cavalheiros que aceitaram do sr. governador civil a missão de as administrar: os srs. conde de Sabugosa, conde de Sábrosa e Frederico Pereira Palha, a quem se devem outras brilhantes campanhas de caridade.



Casas de trabalho — Grupo de internados

nem conduzir d'uma forma diversa a intriga, nem alterar as personagens. Bastariam simples modificações de factura. De resto, o drama lá está, as situações lá estão, o proprio dialogo tem o corte de theatro, de tal forma que, nas paginas onde o ha, bastaria ligal-o, encurtal-o ou amplial-o para a scena ficar desenhada e animada. O *Grande Cagliostro* nasceu d'um romance. Foi a meio dos folhetins que Carlos Malheiro Dias reconheceu que a sua novella dava uma comedia — mas nem por isso teve d'ahi em diante de forçar a combinação dos episodios, a linha d'acção ou a psychologia das figuras. Dialogou mais — e encurtou o descriptivo. A peça estava desde o primeiro capitulo escripta — alguns dias bastaram para a pôr de pé. No *Filho das Heras* já Malheiro Dias reconheceu que havia uma peça de theatro. Do Brazil chegou mesmo a vir a noticia de que o *Filho das Heras*, adoptado, sem authorisação do auctor por qualquer litterato fluminense, ia ser representado. Na *Paixão de Maria do Ceu* reparem, n'alguns capitulos. A descripção do casamento de Maria do Ceu simulado por um frade n'uma estalagem fronteira para illudir a assustada innocencia da virgem é uma scena completa a que só faltam os borrões de tinta d'um scenario e as falhas dos actores para ser um episodio d'um palco. E se querem assistir n'uma pagina mesmo de descriptivo á revelação do dramaturgo — leiam esse soberbo e movimentado quadro do embarque da familia real para o Brazil. As paginas são de romancista — de quem conhece toda a technica superior do romance — e dignas pelo pittoresco da evocação historica d'Oliveira Martins: a propria natureza do episodio é de romance, mas na clareza theatral das tintas, no magnifico vigor com que as figuras se destacam, drama-dentro da pintura. Não ha que errar: a visão é de dramaturgo.

Não quer isto dizer que Carlos Malheiro Dias não seja principalmente um romancista — pelo contrario, é, como tal, que a sua obra ha-de principalmente ficar na litteratura da sua geração. Mas vem apenas para explicar o facto litterariamente singular d'um grande escriptor de novellas dar um perfeito escriptor d'alta comedia.

Eu prescindo agora d'analy-sar o valor dramatico d'*O Grande Cagliostro* para só reconhecer n'essa peça uma qualidade em relevo que é indiscutivel e que seria, por ventura, a que menos se podia esperar, n'um escriptor persistentemente habituado ao livro: a *theatralidade*. Positivamente, só um homem conhecedor do segredo de mover os titeres da scena, á luz artificial d'uma sala d'espectaculos, deante d'um publico que apenas procura prestidigitación e commoções, seria capaz de fazer da charlatanice e do genio d'um aventureiro cinco actos vivos de dialogo. Fel-os Malheiro Dias — e esse facto seria de difficil explicação se no fundo das aptidões e da obra do romancista já consagrado não existissem como atraz predicto as qualidades e as disposições do dramaturgo que acaba de triumphar.

Por temperamento, por educação litteraria, o romancista é quasi sempre um mediocre es-

## A proposito d'“O Grande Cagliostro.”



triumpho que n'um dos theatros de Lisboa acabam d'obter esses cinco actos de dialogo vivo, acurado e engenhoso, sem acção dramatica quasi, d'*O Grande Cagliostro*, não veio revelar, ao contrario do que se disse e escreveu, um aspecto novo do temperamento litterario de Carlos Malheiro Dias. No auctor do *Filho das Heras* e da *Paixão de Maria do Ceu*, o romancista e o dramaturgo não são feições oppostas, ou sequer diversas, do mesmo escriptor. O homem de theatro vivia no romancista — e não é difficil encontrar atravez das suas novellas a visão dramatica, a disposição por assim dizer scenica dos episodios, toda essa

communicativa clareza de traços, de effeitos inesperados e empolgantes que são toda a arte, ao mesmo tempo subtil e grosseira, profunda e ephemera, de commover ou interessar n'um palco as multidões. Todos os seus romances dariam excellentes peças de theatro, — e para isso não seria necessario nem modificar a acção,



Casas de trabalho. — Grupo de internadas



Sala de costura

criptor de theatro. Balzac tentou a scena sempre com insuccesso: precisou da collaboração de d'Ennery para produzir uma peça supportavel. Zola só uma vez fez com exito theatro na *Therese Raquin*. E essa mesma tragedia burgueza é drama para uma grande actriz — mais do que peça d'um grande auctor. Daudet como os Goucourts, como Tolstoi, como Tourgnenoff, desconheceram os grandes triumphos do palco, que ambicionaram. O romance alheiou-os d'essa technica exigente de mover figuras, paixões e ironias, deante d'uma plateia interessada ou commovida.

Porque? Como explicar este quasi antagonismo litterario de duas formas d'arte destinadas a produzir emoções da mesma natureza, vivendo ou podendo viver ambos no mesmo ambiente moral, dispondo dos mesmos recursos de phantasia e d'observação?

E' que desde o fundo até á factura, desde a concepção até aos processos — todos os moldes de execução divergem no drama e na novella.

A visão com que o romancista surprehende, commenta e reproduz a vida tem de ser o exame penetrante, minucioso, calculado, dos aspectos e das almas. A visão do dramaturgo é diversa — é a visão de relance, brusca, larga, retendo só as tintas fortes e as impressões vivas. O romancista observa, analisa, descreve a todas as gradações de luz. O dramaturgo colhe da vida as syntheses, os conflictos, as paixões, as cores impressivas. Um faz obra de retiques — outros faz obra em bloco. O romancista fixa, contorna imagens, juxtapondo aspectos, planos, cambiantes, como um pintor:



Casas de trabalho. — No lavadouro

o dramaturgo talha e cria com o sopro largo do esculptor. Para erguerem o mesmo homem, darem expressão ao mesmo sentimento, animarem o mesmo problema moral — um dispõe do pincel, o outro dispõe d'um cinzel...

Malheiro Dias representa o caso raro d'um escriptor dotado de todas as qualidades de analyse, de logica, de phantasia, de sentimento, de humanidade que fazem o romancista — e ao mesmo tempo possuindo n'um grau invejavel a observação engenhosa e larga, a clare-



Casas de trabalho. — Officina de carpintaria

za, a malleabilidade de forma, essa eloquencia especial de emocionar e prender as multidoes, que fazem o homem de theatro.

O *Grande Cagliostro* não é tudo — Deus meu! — quanto ha a esperar na scena portugueza do artista que sentiu e escreveu no romance, aos vinte e tantos annos, as paginas pungentes d'*O Filho das Heras*. Mas o *Grande Cagliostro* é a affirmação d'um dramaturgo. Os typos estavam traçados, os episodios feitos, a intriga desenhada, no romance Mas é preciso não desconhecer que a luz da ribalta, em que a scena destaca e faz vibrar as figuras e os sentimentos, não é a mesma luz serena e rosada das paginas d'um livro ou das folhas uma revista onde o escriptor cria e ergue a vida palpitante da sua obra. A luz do palco embacia, deforma, exagera ou diminue. Pina Manique, D. José, José Balsamo são na peça o que eram no romance — e vivem dentro dos actores a mesma vida rigida e severa, idealista, intriguista com que o auctor romanticamente os resuscitou para as columnas d'um *magazine*? A luz da scena não os confundiu ou empastou?

E' que mesmo escrevendo novella, a imaginação e a observação do escriptor tem a visão especial do dramaturgo — e que creando figuras, humanas e vivas, no romance, dando-lhe a sua acção, o seu meio, a sua atmosphera proprias, Malheiro Dias liga e combina nas suas mãos poderosas de artista creaturas a que só falta tambem a mascara da scena para terem essa vida theatral, feita d'illusionismo e de prestidigitación ephemera e intensa, que faz chorar ou rir do alto d'um tablado.

Malheiro Dias tem no romance — assim o creio — a forma definitiva em que ha de crear e erguer a sua obra. Mas não pode ser indifferente a uma litteratura dramatica, a quem a ultima geração só deu um grande escriptor de theatro Julio Dantas, — o triumpho com que acaba d'impôr o seu nome á plateia d'um theatro de Lisboa o artista que, em paginas de poderosa piedade, narrou a agonia da costureira Anna e, em trechos de apaixonado lyrismo, fez amar e soffrer a pureza de Maria do Ceu.

AUGUSTO DE CASTRO.

A indulgencia é muitas vezes a melhor fórma de justiça.

Não ha grandes nem pequenas liberdades: ha a Liberdade.



## PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

D. Amélia, *Venus*. — Trindade, *O pagem d'El-Rei*. — Principe Real, *A mordoeira*.



Depois de um trabalho incessante de seis mezes, em que dia a dia se reuniram e conjugaram elementos de toda a ordem para um resultado brilhante, surpreendente, subiu ha quatro noites á scena, no **D. Amélia**, a peça phantastica de Pasqué e Blumenthal — *Venus* — adaptada á scena portugueza por Accacio Antunes, e para a qual compoz deliciosa a musica o maestro Augusto Machado.

Descrever o que é essa maravilha, esse sonho das *Mil e uma noites*, torna se impossivel.

Como scenographia, machinismo, effeitos de luz electrica, deslumbramento de bailados, em que fez prodigios choreographicos a primeira bailarina do Scala, de Milão, e maravilhas de guarda-roupa, a *Venus* constitue o espectáculo mais extraordinariamente bello, mais maravilhoso que se tem apresentado em palcos portuguezes e que difficilmente poderá ser excedido em palcos estrangeiros.

O que são aquelles quinze quadros que nos tres actos da peça se desenrolam aos olhos deslumbrados do publico, que tão depressa se acha no Cairo, como no grande deserto de areia, como assiste a um naufragio no alto mar, como se vê em Suez, como atravessa deslumbrado os jazigos carboniferos, depositos de pedras preciosas, como aporta á ilha de Chypre, tudo isto n'uma rapida mutação, bella, esplendorosa, imagine-o o leitor que não poder assistir a esta maravilha, mas é provavel ou mesmo certo que assistam até mesmo aquelles que nos lerem no Brasil, porque estando á frente da Empresa do theatro D. Amélia dois homens arrojados como o visconde de S. Luiz Braga e Sousa Bastos, a *Venus* com to-

dos os seus deslumbramentos vae ser representada n'esse bello paiz. A acção da peça, que é um charge ao materialismo, com quanto interessante, é um pretexto para a exhibição d'aquellas magnificencias scenicas.

No desempenho salientou-se Palmy a Bastos que é adoravel em todas as situações, que é uma *Venus* lindissima, cantando primorosamente, e que enverga, com uma elegancia só comparavel á sua soberba plastica, uns doze ou quinze trajos, de uma novidade e riqueza extraordinarias.

Alfredo de Carvalho é um *rajah* engraçadissimo e Josepha d'Oliveira uma *miss* durazia, materialista, mas apaixonada pelo dr. Wupp, um sabio naturalista a que Pinheiro emprestou uma soberba caracterisação, que lhe dá o aspecto, segundo as suas theorias darwinistas, de um feio macacão.

Henrique Alves, Azevedo, Grijó, Gabriella Lucey e Etelvina Serra completam o grupo de artistas que representam os principaes papeis de *Venus*.

Os figurinos são de Gerbault executados sob a intelligente direcção de Carlos Cohen.

O deslumbrante scenario, é do primeiro scenographo hespanhol D. Luiz Muriel. Pedro Cabral ensaiou a peça a primor e Augusto Rosa com o seu grande conhecimento do theatro, dirigiu superiormente todos esses trabalhos, cabendo-lhe uma grande parte nos applausos que o publico todas as noites dispensa aos artistas, ao machinista, ao electricista e á Empresa.

Emquanto não sobe á scena peça de maior espectáculo deu-nos a **Trindade** a opereta em 3 actos de Cunha e Costa e Miguel Seixas, musica de Thomaz Del-Negro *O Pagem d'El-Rei*.



A «Venus» no theatro D. Amélia. — Um quadro do 1.º acto



A «Venus» no theatro D. Amelia. — Outro quadro do 1.º acto

Primeiro que Lisboa, conheceram o Rio de Janeiro e o Porto este trabalho do applaudido auctor da *Musa dos Estudantes*.

Não pretendeu elle decerto ganhar com *O Pagem d'El Rei* as suas esporas de ouro. Para entrecho mais complicado e interessante, tem phantasia de sobra quem se tem evidenciado em tantos trabalhos litterarios. Para scenas imprevisas, graça no dizer, interesse na acção, outras produções theatraes attestam por tal maneira o valor do dr. Cunha e Costa, uma das mais ricas organizações intellectuaes que conhecemos, que a falta d'aquelles elementos na opereta da Trindade não representa carencia de qualidades, mas apenas a attenção que se presta a uma obra passageira, da qual nunca se pensou fazer uma obra prima.

Não quer dizer que o talento não surja e brilhe por vezes com tal intensidade que o publico, applaudindo, deixe de mostrar o agrado e o encanto que lhe despertam sempre as manifestações do espirito humano. Pena é que o auctor dilua por acção tão longa assumpto tão infantil, o que é defeito grave em obra de theatro. Não tivesse ella, comtudo outras qualidades scenicas, brilhos de dialogo e situações abundantes em comico, que deixariam de justi-

ficar-se os applausos com que o publico da Trindade tem acolhido o auctor. A musica de Del Negro é deliciosa, tem trechos que se ouvem com encanto, polkas talvez em excesso, mas por toda ella cadencia e alegria, que são qualidades capitaes.

No desempenho, tem Mattos o primeiro logar. Excellente actor comico tira effectos seguros do seu papel d'escudeiro. Depois, Rentini, Delphina Victor, Almeida Cruz, Conde, interpretando muito bem todos elles os principaes figuras da opereta.

D. João da Camara extrahiu, com a sua proficiencia habitual, de um romance de Décourcelle, um drama emocionante, com este titulo suggestivo: *Mordaza*. E' esta peça que tem estado em scena no **Principe Real**, applaudida com enthusiasmo todas as noites por um publico cuja sensibilidade é posta á prova por situações de alto drama e de profunda emoção.

E das justas ovações do publico partilham com justiça Lucinda do Carmo em um papel importante de viuva, Amelia Pereira, Luciano, Setta da Silva, Araujo Pereira, Leonor Faria, etc, que nas personagens que interpretam arrancam, pela fidelidade e pelo sentimento, applausos á farta.

## A garrafa inviolavel

O problema que durante tantos annos ficou sem resolução está finalmente resolvido! Está encontrada a fórma de evitar que se esvasie ou se falsifique o conteúdo de qualquer vasilha, de quaesquer garrafas, garrações ou frascos de vidro.

Deve-se o invento feliz, que tantos serviços vem prestar ao commercio e á industria, que não tem até aqui encontrado meio de evitar as falsificações, sempre prejudiciaes, a um homem simples e modesto, cujo talento inventivo mais de uma vez se tem manifestado, e mormente na descoberta de um aparelho de numeração e inutilisação de coupons, expressamente feito para a Junta do Credito Publico.

É o sr. João Carlos da Silva, cujo nome apparece pela primeira vez n'estas columnas acompanhando a gravura que representa a sua *garrafa inviolavel*, mas que dentro em pouco será conhecido de todo o paiz quando se generalise a sua invenção a todos os ramos do commercio de vinhos, licores, e aguas mineraes.

